

IMPOSIÇÕES IDENTITÁRIAS DE GÊNERO NA INFÂNCIA ATRAVÉS DA LINGUAGEM

Isabela Velocini¹

¹Univeridade Federal de Minas Gerais/ Faculdade de Letras/ivelocini@gmail.com

Resumo: O presente trabalho pretende criticar as imposições de gênero na infância que ocorrem através da linguagem, principalmente em livros infantis. Para isso procurou-se por eles em livrarias presenciais de Minas Gerais, chegando na conclusão de que muitos são sexistas. O tema é discutir as imposições, elucidando possíveis consequências destas. É possível ver categorização de meninos e meninas pautados em gênero, com a criação de separações que os impedem de transitar dentro destes limitantes.

Palavras-chave: infância, gênero, linguagem, identidade.

1. Considerações iniciais: a linguagem

A pesquisa é justificada a partir da relevância do assunto gênero na sociedade atual. Associar gênero e infância – e linguagem, torna-se potencial para entender temas como patriarcado e machismo. De acordo com o autor Marcos Bagno no Glossário Ceale (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita) da Faculdade de Educação da UFMG: “A segunda definição de linguagem é (...) todo e qualquer sistema de signos empregados pelos seres humanos na produção de sentido, isto é, para expressar sua faculdade de representação da experiência e do conhecimento”. Assim, se usa a palavra “linguagem” no trabalho como aquela que produz sentido.

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie em seu livro “Sejam todos feministas” produz um discurso de que a criação de meninos e meninas é nociva: “criamos as meninas de uma maneira bastante perniciosa” (ADICHIE, p. 33, 2014).

Assim, e a partir do entendimento da obra *Estética da criação*, de Mikhail Bakhtin, no capítulo “Os gêneros do discurso”: “cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte.” (Bakhtin, p. 272, 2006) analisaremos a relação entre linguagem e desenvolvimento das infâncias sobre a perspectiva do gênero.

Com isso, o trabalho seguirá a proposta de que o é que ensinado para as crianças

através de livros ou falas, é respondido em seguida por elas, como no comportamento, por exemplo. Desse modo, ao ensinar na infância que as meninas devem “fechar as pernas”, por exemplo, a fala irá reluzir diretamente nas atitudes geral destas. Adichie coloca que “Ensinamos as meninas a sentir vergonha. “Fecha as pernas, olha o decote.” Nós as fazemos sentir vergonha da condição feminina, elas já nascem culpadas.” (ADICHIE, p. 40, 2014). Desse modo, é possível que pensemos: “E se criássemos nossas crianças ressaltando seus talentos, e não seu gênero? E se focássemos em seus interesses, sem considerar gênero?” como sugere Adichie. (ADICHIE, p. 44, 2014)

2. Infância e gênero

De acordo com Solange Jobim e Souza, escritora do capítulo “Infância e linguagem” do livro *Ser criança na educação infantil: infância e linguagem*: “A infância, entendida (...) não é algo que possa ser compreendido antes da linguagem ou fora dela, pois é na linguagem e pela linguagem que a criança se constitui para si, para o outro e para o mundo da cultura” (SOUZA, 2016, p.18).

Além do mais: “Ao compreender a infância articulada com a linguagem, concluímos que a criança não é apenas uma etapa cronológica na evolução da espécie humana (...) mas sim um ser que participa da criação da cultura através do uso criativo da linguagem na interação (SOUZA, 2016, p.15).

Para Figueiredo e Banhara (2013), escritoras do artigo *Relações de gênero: educação e infância*: “precisamos questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos os/as alunos/as dão ao que aprendem. É preciso estar atentas/os para a nossa linguagem, procurando perceber o sexismo(...) que ela frequentemente carrega e institui”. A partir das citações acima, observe a capa desses dois livros abaixo:

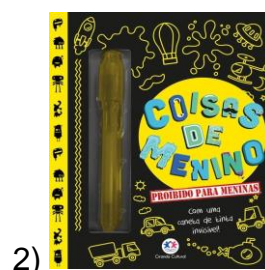




Figura 1 – Capa 1) livro *Meu diário Mágico*, autor Emily Ford; Figura 2 – Capa 2) livro *Coisas de menino*, autor Emily Ford

Enquanto o livro 1, designado para as meninas (já que só há desenhos de meninas na capa), possui imagens de maquiagem, roupas e sapatos como saltos altos, o livro 2, destinado para os meninos, e “proibido para meninas” tem referências à espaço (como aeronaves e foguetes), além de caminhões e carros - todas estas representadas a partir da linguagem não-verbal, ao mesmo tempo em que os nomes escritos configuram linguagem verbal.

Assim, é preciso que entendamos que o que está sendo promovido e levado para as crianças a partir desses materiais - já que a linguagem é tão potente quanto pontua Foucault em seu livro *Estética: literatura e pintura, música e cinema*: “A realidade não existe, que só existe a linguagem, e isso de que falamos é linguagem, falamos no interior da linguagem etc.” (FOUCAULT, 2009, p.168) é uma separação rígida dos gêneros que acrescenta como consequência social o sexismo, estipulando perfis para garotas e garotos. Entende-se que o que acontece nesta etapa da vida humana, a infância, é uma simbologia associada à realidade através da linguagem, daí também sua enorme significância para os imaginários infantis:

A criança, ao buscar estabelecer relações e se comunicar com o mundo físico e social, utiliza-se do seu corpo como um todo, e nesses movimentos corporais – sempre ampliados pelo sentido que a mãe ou as pessoas próximas à criança lhes conferem – está contido o germe da constituição simbólica da realidade. (SOUZA, 2016, p.15)

A relevância do tema em questão é universal, pois o que é posto para a sociedade é uma espécie de separação descabida dos gêneros. Assim como aponta Adichie:

A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo(...). E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente. O modo como criamos nossos filhos homens é nocivo: nossa definição de masculinidade é muito estreita. Abafamos a humanidade que existe nos meninos, enclausurando-os numa jaula pequena e resistente. Ensinamos que eles não podem ter medo, não podem ser fracos ou se mostrar vulneráveis, precisam esconder quem realmente são — porque eles têm que ser, como se diz na Nigéria, homens duros. (ADICHIE, 2014, p.31)

O que se tem socialmente são meninas e meninos serem colocados em “nichos” que

os separam, tornando-se impossível certa fluidez, que poderia os permitir, por exemplo, gostar de maquiagem mas também querer serem astronautas – referência as capas dos livros de Emily Ford.

3. Metodologia

A pesquisa se baseou em procurar o assunto por área a partir de livros em PDF e artigos sobre os assuntos. Inicialmente entendeu-se o gênero, depois as movimentações deste para com a infância. Separadamente contou com estudos linguísticos de Bakhtin e estudiosos da linguagem, como Marcos Bagno para enfim relacioná-los às contribuições de caráter feminista e antissexista. Após isso, iniciou-se visita presencial nas livrarias de Belo Horizonte e Contagem em Minas Gerais, nas seções infantis, em busca de materiais que pudessem ou não comprovar o estudo.

4. Interpretação dos eixos: linguagem, infância e gênero

No trecho do livro abaixo *Diário de uma garota nada popular*, destinado para as meninas, tem-se o seguinte título: “Como saber se um cara simplesmente não está afim de você”.

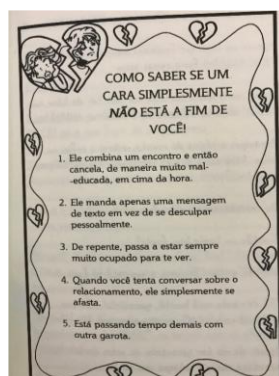


Figura 3 - livro *Diário de uma garota nada popular*

Porém, temáticas de “Como saber se uma garota simplesmente não está afim de você” – o inverso, não é encontrado em livros como *Diário de um banana* ou *Diário de rowley* (títulos atribuídos aos garotos). Assim, percebe-se que “Em todos os lugares do mundo, existem milhares de artigos e livros ensinando o que as mulheres devem fazer, como devem ou não devem ser para atrair e agradar os homens.” (ADICHIE, 2014, p. 29) e “Perdemos muito tempo ensinando as meninas a se preocupar com o que os

meninos pensam delas. Mas o oposto não acontece. Não ensinamos os meninos a se preocupar em ser “benquistos””. (ADICHIE, 2014, p. 29). Além disso, as consequências deste sexismo são de ordem infinitas, porque a partir da lógica bakhtiana das relações de linguagem, “o ouvinte se torna falante”:

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo e de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão e prene de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido e apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subseqüente resposta em voz real alta. (BAKTHIN, 2006, p. 271)

Assim, os discursos absorvidos e entendidos na infância serão reproduzidos, porque as crianças como percursos da cultura irão internalizar o que lhe foi ensinado, perpetuando diálogos de caráter sexistas:

Ao compreender a infância articulada com a linguagem, concluímos que a criança não é apenas uma etapa cronológica na evolução da espécie humana a ser estudada – pela biologia ou pela psicologia do desenvolvimento –, mas sim um ser que participa da criação da cultura através do uso criativo da linguagem na interação (SOUZA, 2016, p.15)

Se a linguagem incentiva o falante, assim como posto por Bakhtin, cria-se com grande parte dos livros infantis, um ambiente que define o modo como se experiencia o gênero na sociedade:

Essa ideia - momento subjetivo do enunciado - se combina em uma unidade indissolúvel com o seu aspecto semântico-objetivo, restringindo este último, vinculando-o a uma situação concreta (singular) de comunicação discursiva, com todas as suas circunstâncias individuais, com seus participantes pessoais, com as suas intervenções- enunciados antecedentes. Por isso os participantes imediatos da comunicação, que se orientam na situação e nos enunciados antecedentes, abrangem fácil e rapidamente a intenção discursiva, a vontade discursiva do falante, e desde o início do discurso percebem o todo do enunciado em desdobramento. (BAKTHIN, 2006,p. 282)

Justamente pela situação de enunciado, o falante – aqui, as crianças, por estarem inseridos dentro destes discursos, irão os reproduzir também

5. Conclusão

Visto os desdobramentos da linguagem, identifica que discursos sexistas podem vir a



ser muito potentes. E estimula-se garotos e garotas em níveis e áreas diferentes, limitando-os. Os resultados da pesquisa afirmam que estamos separando os meninos e meninas de forma nociva à ambos. Assim, os objetivos foram alcançados, e pretende-se continuar estudando de modo mais profundo os livros infantis e seus desdobramentos no desenvolvimento das crianças. Desse modo, considera-se fundamental que a sociedade possa se questionar das imposições identitárias de gênero que estão sendo colocadas para as crianças, seja através de falas cotidianas ou com livros de ordem sexista.

Referências

- ADICHIE, C. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Editora Companhia das Letras.
- BAGNO, Marcos. **GLOSSÁRIO CEALE**. Disponível em <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/linguagem>> Acesso em 20. fev. 2021.
- BAKHTIN, M. **Os Gêneros Do Discurso**. In: Estética da criação verbal. Editora Martins Fontes.
- FIGUEIREDO, A; BANHARA, A. **RELAÇÕES DE GÊNERO: EDUCAÇÃO E INFÂNCIA**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2012. ISSN 2179-510X.
- FORD, E. **Coisas de menino**. Jandira: Editora Ciranda Cultural; 1ª ed., 2017.
- FORD, E. **Meu diário Mágico**. Jandira: Editora Ciranda Cultural; 1ª ed., 2016.
- FOUCAULT, M. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- RUSSELL, R. **Diário de uma garota nada popular: Histórias de uma vida nem um pouco fabulosa**. Campinas: Editora Verus; 1ª ed., 2015.
- SOUZA, S. **Infância e linguagem**. In: Ser criança na educação infantil: infância e linguagem / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. 1ª ed., Brasília: MEC /SEB, 2016.